
O discurso argumentativo procura sempre ganhar a adesão do auditório e incitá-lo a uma acção imediata. Tem em conta as suas reacções e a interpretação dos actos linguísticos.

Discurso essencialmente comunicativo, dialógico, requer todo um saber quando se realiza na situação específica de comunicação pelo medio TV. E o discurso oral, sempre influenciado e modificado por estímulos diversos revela os condicionamentos desse contexto.

TEXTO BASE

(Transcrição de um registo vídeo)

Eu quero chamar a atenção das mulheres que me ouvem para uma injustiça que as atinge.

Elas são a maioria do eleitorado. Contudo estão vergonhosamente subalternizadas nomeadamente no Parlamento onde a sua representação é mais do que mesquinha.

A eleição para a presidência da República de uma mulher, de uma mulher excepcionalmente dotada para exercer esse cargo, é a reparação dessa injustiça.

E eu pergunto: que mulher negará o seu voto a uma eleição que vem dignificar o seu sexo?

Mas não bastaria a M.L.P. ser mulher para atrair o nosso voto. Ela diz-nos algo de novo — um discurso que refresca os nossos ouvidos saturados da velha lenga-lenga política dos barões da democracia.

Ora a democracia não tem padrões. Ela é tanto mais verdadeira quanto maior for a participação dos cidadãos. E a proposta de M.L.P. é precisamente isso mesmo. É uma nação a falar, é uma cultura que se exprime.

Isto é muito importante. No momento em que entramos, em que Portugal entra, na C.E.E., é preciso, mais do que nunca, defender a nossa personalidade cultural, preservar a identidade nacional: uma razão histórica e cultural do passado e do futuro que está acima dos partidos de esquerdas e direitas.

M.L.P. é, pelo cunho cultural da sua candidatura, a candidata cultural dessa grande razão nacional.

Transcrição do discurso proferido por Natália Correia no Tempo de Antena da TV. (Janeiro de 1986)

Nota: foram posteriormente marcadas pausas mais (: , .) ou menos (,) longas.

DISCURSO POLÍTICO ARGUMENTATIVO

O discurso político é quase sempre um discurso argumentativo. Tem sempre em conta a escuta de um auditório; por isso a sua estrutura se organiza, a partir não só do conteúdo, mas também do tipo de público a que se destina, com os seus ideais políticos, com as suas expectativas e com as possíveis confiança ou desconfiança ante o orador.

Pretende ser um discurso lógico, objectivo, que parte de factos evidentes e, como tal, conhecidos do auditório. Estabelece uma espécie de cumplicidade entre o orador e o público — ambos estão preparados de antemão para assumir os seus respectivos papéis, ambos sabem do que se trata. Além disso, o contexto favorece a compreensão do sentido e também a aceitabilidade da intervenção. A legitimidade do discurso permite desenvolver tramas argumentativas — o convencer, o persuadir para fazer aderir. É um discurso de manipulação que tem sempre em conta os discursos dos outros competidores, que são apresentados nos seus aspectos negativos, como a técnica publicitária do «esses/aqueles não prestam», «este é que é bom».

É um discurso semi-performativo com uma ideologia e moral específicas.

Apresenta-se como verdade irrefutável, não negável pelos destinatários. Natália Correia assume essa posição. A sua atitude de oradora coaduna-se com o tipo de discurso, que realça o momento da crise e da responsabilidade colectiva. O acto de votar é apresentado como um dever, uma obrigação indiscutível — é a Nação que impõe a escolha. É um momento de grande responsabilidade. É por isso que a oradora não ri, não sorri sequer. Apenas a ironia aflora o seu rosto quando se refere aos outros, ao inimigo que é preciso derrotar.

ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

O locutor enuncia o seu primeiro acto locutório — «eu quero chamar a atenção...» Chama a si a responsabilidade de informar — afirmação da sua autoridade; «eu quero», «eu pergunto». Ao destinatário cabe receber a informação.

Os factos comprovados, os argumentos, os apelos a afectividade do destinatário fazem parte do jogo de persuasão que é o discurso, organizado com base num plano de acção em que os argumentos e as refutações se estruturam de maneira coesa. O mesmo acontece com os modos de acção sobre os interlocutores [— directo — na pergunta dirigida aos telespectadores — ou indirecto, referência aos «barões da democracia» —] com a articulação lógica dos conectores (contudo, mas, ora).

O texto difere bastante do debate político ocasional, improvisado, em que as marcas da oralidade são muito mais acentuadas.

À função expressiva ou emotiva do discurso junta-se a função conativa que impele os destinatários a agir. É necessário todo um «saber» que engloba o conhecimento dialéctico amigo/inimigo, a selecção dos actos de fala mais influentes, a adaptação à situação específica do acto de comunicação — adaptação ao canal T.V. É um factor muito importante neste tipo de comunicação o conhecimento do «medium», das suas

características, das vantagens mas também dos perigos que oferece. Pressupõe-se uma prática T.V. para:

- ignorar os presentes no «studium» — técnicos, amigos, elementos do partido;
- enfrentar as luzes e as câmaras;
- suportar o calor e a «maquillage»;
- falar para um público que não se vê, supostamente atento;
- discursar num espaço e tempo determinados — tempo de antena;
- conhecer a imagem a transmitir na TV.: gestos, movimentos, deslocação no espaço, tom de voz, olhar para a câmara ...

Todas estas restrições condicionam o discurso que convirá ser curto, incisivo e bem estruturado.

O distanciamento entre o locutor e os telespectadores é superado pelo conhecimento que o primeiro tem daqueles a quem se dirige; idades, nível cultural, ideologias — neste caso o conhecimento das mulheres com as suas lutas feministas e as outras, as mulheres do povo mais exploradas.

Outros elos de ligação se estabelecem na interacção do dizer/convencer, ouvir/participar num unísono «nós»:

- as relações dos intervenientes anteriormente ao discurso e experiências em partidos, em sessões do Movimento das Mulheres;
- os acontecimentos que se processaram antes da comunicação pela T.V. e que fazem parte do «saber» dos destinatários,
 - campanha eleitoral dos outros candidatos,
 - acontecimentos significativos durante a campanha da candidata,
 - a imagem que os destinatários fazem do sujeito falante
 - o seu estatuto cultural, comportamento perante o poder político ou público,
 - intervenção no campo dos «direitos da mulher».

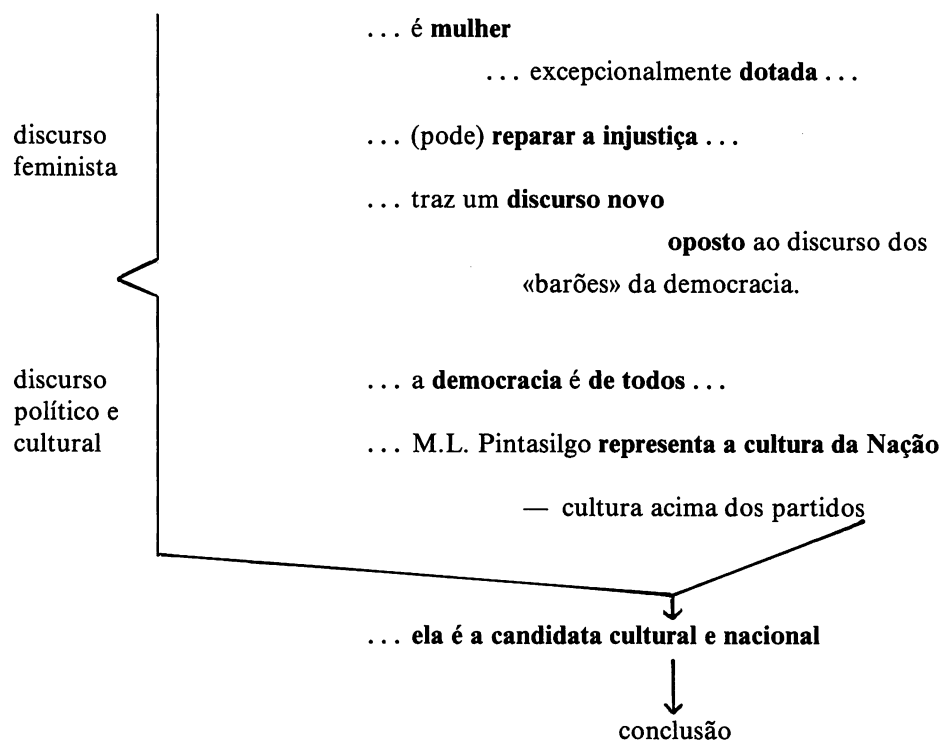
Analisemos agora a construção do discurso.

Texto apelativo dirigido às mulheres, é-lhes pedido o voto noutra mulher para a Presidência da República.

Discurso feminista, de cunho cultural, com uma coerência discursiva muito marcada que coincide com a intenção de adesão à tese apresentada. Os argumentos encadeiam-se numa série estruturada em que a hierarquia dos argumentos, baseada nos seus valores, conduz os destinatários à conclusão final:

M.L. Pintasilgo é mulher — excepcional — repara injustiça — traz um discurso novo — a democracia — a cultura da Nação.

Hierarquia dos argumentos



Um argumento contribui para estabelecer outro situado noutra nível. O discurso argumentativo está «em situação». É a argumentação que dinamiza essa situação para a construção do discurso, no qual intervêm não só o sujeito da enunciação mas também os destinatários a quem ele é dirigido. Só que, neste caso, a situação difere da que é vivida na comunicação directa, pública, sem a intervenção do «medium» T.V. De qualquer maneira, o locutor socorre-se dos elementos situacionais que podem privilegiá-lo — estatuto de utente da T.V., o que tem a ver com o poder político — e também de outros que se relacionam com o imaginário dos telespectadores.

A locutora parte de factos reconhecidos pelo auditório — as mulheres são a maioria mas são subalternizadas — de valores, ideias colectivas para conduzir a acção — justiça, igualdade de direitos, democracia ..., valores que podem variar com as épocas, com o tipo de auditório e de discurso.

Parte de pressuposições, factos ou ideias admitidas pelos ouvintes e que interessa intensificar: ... «não bastaria ser mulher ... traz um discurso novo»... Se se tratasse de um homem, a novidade do discurso talvez fosse aceite. Os pressupostos são propositalmente escolhidos para influenciar a comunicação.

Além dos pressupostos, o discurso político recorre também ao implícito discursivo que influencia o receptor e o leva a agir: note-se a alusão aos que se dizem democratas e não o são — «os barões da democracia» — e a alusão à democracia participativa — ... «... a democracia ... participação dos cidadãos...»

Estes processos de comunicação são apresentados como uma espécie de enigmas para implicar os destinatários, para que eles se interessem pelo discurso. São actos ilocutórios escolhidos de acordo com a intenção do locutor e que têm efeitos perlocutórios — implicam um «fazer».

Outro acto ilocucionário importante e que faz alusão ao destinatário é a pergunta, a interrogação, que pressupõe que o receptor é capaz e deve responder a quem tem o direito de o interpelar.

É um acto ilocutório que implica a obrigação de responder.

Quanto ainda à interrogação, ela parece respeitar a liberdade do destinatário mas impõe-lhe ideias prévias. A pedagogia interrogativa é um bom exemplo do que se disse. As perguntas dos professores afirmam mais do que interrogam. O mesmo acontece nas sondagens à opinião pública.

Mas não são apenas os enunciados que desempenham um papel argumentativo. Certos morfemas como «mas», «contudo», «ora» ... têm uma função de argumentação:

«Mas não bastaria a M.L.P. ser mulher ...» «ela diz-nos algo de novo ...». O enunciado com «mas» supõe uma proposição argumentada por outro enunciado seguinte, que contém uma alusão a um argumento. Essa relação de implicação verifica-se também na publicidade com «se»: «Se comprares isto, tens aquilo». A proposição iniciada por «se», é interpretada como verdadeira. É suposto o máximo de informação. Com «mas» a asserção seguinte é tão verdadeira como a anterior, mas sugere outra conclusão. O que interessa é que o facto introduzido por «mas» seja bem definido, bem claro, para poder ser identificado no discurso. Ao nível da frase pode ser outro facto, a mesma estrutura. Só o contexto poderá esclarecer.

O articuladores discursivos como «contudo», «ora» e outros introduzem afirmações irrefutáveis que se contrapõem (contudo estão subalternizadas) e se encadeiam logicamente para chegar à proposta final que contradiz as afirmações críticas anteriores:

— a democracia de que falam os outros concorrentes não é democracia. A verdadeira democracia é a que proclama a candidata — a democracia participativa.

Os correctores argumentativos ligam unidades de natureza pragmática e realizam actos de argumentação que conduzem os interlocutores à interpretação de conclusões implícitas visadas pelo locutor.

Apela-se assim a uma linguística do discurso — faz-se a ligação entre a linguística da frase e a linguística do discurso.

É a gramática funcional que nos informa da maneira como a informação avança no enunciado.

Os actos de enunciação, como verificámos, não são independentes. Apoiam-se uns nos outros, o que se verifica nas marcas de coordenação dos articuladores já referidos.

Ao nível da gramática da frase temos:

«as mulheres estão vergonhosamente subalternizadas...»

e não: as mulheres estão com vergonha subalternizadas ...

No entanto, o advérbio «vergonhosamente» pode ser substituído pela locução «sem vergonha». Noutro contexto, era possível a substituição. Ex.: Elas estão a rir com vergonha de aparecer na T.V.

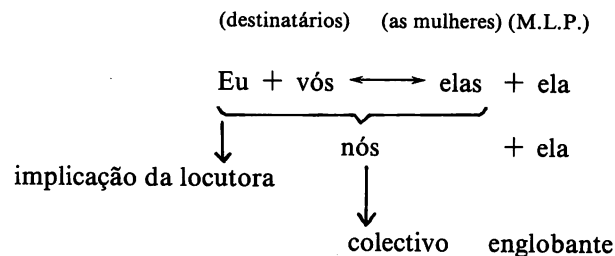
e não: estão a rir vergonhosamente por aparecerem na T.V.

Com estes exemplos pretende-se explicar que cada enunciado é característico de um tipo particular de frase que, sozinho, não assume a sua função referencial. A situação da enunciação é que permite essa referência.

Os determinantes e os pronomes

Participam da organização do texto, fazem parte dos sintagmas narrativos dominantes e têm um papel privilegiado na estruturação do discurso apelativo, na consecução da narrativa. É uma morfologia narrativa.

Organização da argumentação ao nível do discurso



Os pronomes aparecem em séries coincidentes com as unidades do discurso. A passagem de uma série a outras faz-se pela transição de um participio ou, como neste texto, por um demonstrativo:

«... E a proposta de M.L.P. é precisamente **isso** mesmo ...»

«**Isto** é muito importante ...»

Um dos factores de coesão é a constância de determinados constituintes:

sua representação
seu voto
seu sexo

e a correlação pessoais/possessivos:

eu	nós		nosso nossa
ela	elas		nossos

É o jogo dos pronomes pessoais e possessivos na transformação da narrativa.

Os verbos performativos

São marcadores do discurso, actuam como uma declaração de intenções

«eu quero», «eu pergunto» — afirmações no presente de narração.

O verbo «ser» toma também a força de um acto perlocucionário:

«... elas **são** a maioria»,... «a sua representação é mais do que mesquinha...», «a eleição..... é a reparação dessa injustiça...», «a democracia é tanto mais verdadeira...», «... a proposta..... é isso mesmo...», «É uma nação..... é uma cultura... . », «Isto é muito importante...», «M.L.P. é..... a candidata...» .

Afirmações que pretendem convencer, que não admitem refutação e provocam a acção-votar na candidata.

Também o verbo «estar»: «... **estão** vergonhosamente subalternizadas»,

«... uma identidade cultural que **está** acima dos partidos...»

e o verbo «ter»: «a democracia não **tem** padrões...»

assumem uma força elocucionária que se presente ainda em «ela **diz** algo de novo» — domínio do «novo» sobre o «velho» — O novo que «refresca», — e em «**é preciso ... defender...**» . E ainda a interrogação «... que mulher negará o seu voto...?». A acção de não votar seria contraditória, após a argumentação apresentada. Assume aqui a expressão de um compromisso — é um verbo comissivo.

A organização lexical na estrutura do discurso

Certos elementos linguísticos são privilegiados no discurso e contribuem para reconhecer a sua especificidade.

A semântica do léxico organiza-se na 1.^a parte do discurso à volta da temática **mulheres**: as mulheres/a injustiça

a reparação da injustiça — ela, M.L.P.

O vocabulário político-cultural acumula-se na referência ao projecto político novo, por oposição ao discurso velho dos «barões» da democracia.

Esse epíteto é uma interferência diacrónica que confere ao destinatário um determinado estatuto cultural, produto de um sistema de regras interiorizadas e de uma ideologia. A agressividade dirigida ao destinatário patenteia-se em função do tipo de discurso, do momento e da conjuntura em que é emitido.

Organização lexical**as mulheres**

mulher/mulheres-subalternizadas
vergonhosamente

a maioria
a injustiça
a reparação da injustiça
a representação mesquinha

os homens

patrões (relações de trabalho)
barões — partilha da agressividade
com os destinatários —

ouvidos saturados da velha lenga-lenga
↓
pejorativo

ela — a candidata

a proposta
a **cultura**
personalidade
o cargo
o discurso
a candidatura
a candidata **cultural**

a ideologia — a política
o Parlamento
o voto
a democracia
a participação
o cidadão

Portugal
Nação
C.E.E.
identidade nacional e **cultural**
cunho **cultural**
passado/futuro
partidos — esquerdas/direitas
a eleição, o eleitorado
a razão nacional

Como já observámos, todo o texto possui um léxico de base que pressupõe o conhecimento do código por parte do receptor, com o qual se estabelece um processo de comunicação, de compreensão mútua.

Neste tipo de discurso, como é evidente, prevalece o léxico político, com implicações nas reivindicações das mulheres.

Concluindo: podemos afirmar que a organização do texto revela um discurso argumentativo polémico à volta da problemática mulher/homem — os seus direitos. Aqui a candidatura de uma mulher à Presidência da República.

O locutor utiliza os argumentos, situando o seu discurso no domínio da moral e do direito.

Trata-se de um discurso «monológico» que simula uma situação de comunicação.

Os interlocutores não estão presentes mas vêem e ouvem a locutora.

O processo interactivo caracterizado pela negociação de acordo ou desacordo, da concessão ou da recusa, não se realiza.

No entanto, o receptor, «in mente», ou com outros telespectadores que com ele assistem ao programa, refuta, aceita, faz intervenções que confirmam ou rebatem a argumentação proposta.

O locutor, por sua vez, não beneficia da imagem e do comportamento verbal dos «interlocutores». No entanto, o discurso «monológico» tem também aqui uma função dialógica, simulada implicitamente ou explicitamente e revelada nas estratégias discursivas da argumentação, na prosódia e na mimogestualidade.

É um discurso de grandes frases que provocam a emoção dos destinatários e os conduzem à realização do acto de votar, acto esse sempre condicionado pelos outros discursos concorrentes.

ESTUDO DA ORALIDADE

Texto: discurso político de Natália Correia no Tempo de Antena para a eleição do Presidente da República — T.V. — 1986.

Razões que presidiram à escolha do texto:

- 1 — a não existência de documentação audiovisual específica.
- 2 — aproveitamento de um documento já gravado com as seguintes vantagens:
 - texto capaz de motivar a participação dos professores.
 - oportunidade para o estudo do discurso argumentativo.
 - discurso curto e bem estruturado.
 - facilidade de caracterização dos traços da oralidade — personalidade da locutora.

Discurso em que a tomada da palavra não é natural, porque a comunicação é diferida, sujeita a bloqueios ou a condicionamentos por parte do locutor e à impossibilidade de troca por parte do receptor, permite o estudo comparativo com outro tipo de discurso oral - mulher do povo que protesta durante o tempo em que é entrevistada e ainda com outros discursos concorrentes gravados no mesmo momento político.

Importante é a entrada dos vários discursos na aula - registos realizados dentro e fora da escola que permitam o estudo dos problemas da comunicação «em situação».

O ESTUDO DA ORALIDADE E AS POSSIBILIDADES DO «VIDEO»

Este trabalho é uma abordagem muito incipiente e sujeita às inúmeras imprecisões de uma primeira observação do discurso oral no «video».

A observação é difícil e requer outros instrumentos de análise mais objectivos.

A observação teria de incidir num conjunto de corpos de discursos.

Não há uma teoria do oral para orientar uma prática correcta.

Apenas se conhecem trabalhos de linguística, de psicolinguística, sociolinguística, pragmática...

A prática dos professores nesta área não é sistematizada. É espontânea e baseia-se apenas em generalidades.

A escrita é sempre a actividade mais valorizada. A falta de preparação científica e técnica inibem a iniciativa dos professores para a realização de actividades didácticas no campo da oralidade.

É assim que os alunos também não são correctamente avaliados, pois pouco se tem feito para ter em conta as suas produções orais.

Tentativas têm sido feitas para estudar o oral em registo gravado — mas essa análise é artificial, porque apenas se ouve o locutor e o ouvinte é obrigado a uma escuta exagerada. Ora, quando falamos, não o fazemos apenas com os órgãos vocais. Todo o nosso corpo acompanha o discurso - postura, movimento e gestos. Assim, surge a necessidade de recorrer à gravação em «video», o que permite uma melhor reflexão sobre a oralidade, de maneira prática e eficiente, pois é possível parar o acto verbal, repeti-lo, memorizá-lo.

Se a produção oral dos alunos for gravada em «video» é facilitada a avaliação feita pelo professor e também a autoavaliação realizada pelo aluno. Pode observar-se e reflectir sobre a produção do seu próprio discurso.

O oral realiza-se num espaço e tempo determinados que influenciam significativamente o gesto e a palavra.

Há vários trabalhos sobre os efeitos da proxemia na comunicação.

O espaço, a distância com o interlocutor/es interfere no tipo de discurso, que é regulado pela proximidade ou afastamento dos falantes e vai projectar-se também na locução do sujeito.

Há uma distância pessoal que nos isola dos outros, uma distância social — relações de trabalho ou de etiqueta — e uma distância pública — espectáculos, comícios..., etc.

Conforme o tipo de distância, a locução modifica a articulação, a sintaxe e o ritmo.

Na T.V. a distância é condicionada pelo espaço «studium», pela aparelhagem técnica, pelos técnicos presentes e, quando for caso disso, pelos convidados. Outro condicionamento importante é a ausência dos interlocutores.

É a personagem que fala que estabelece os elos de ligação entre o emissor e os receptores.

A voz de Natália Correia perde a naturalidade e reveste um estilo declamatório, a que não é estranha a sua gestualidade.

O olhar é condicionado pelo espaço reduzido. O emissor olha a câmara, inclina a cabeça ou o busto, movimenta as mãos ou os braços para sublinhar o discurso — marcação de uma palavra importante ou uma ideia, do final de uma proposição ou de uma intervenção.

O tempo restrito da alocação tem também repercussões nos gestos, na prosódia e na organização do discurso.

A prática dos vários discursos obedece a regras implícitas e explícitas da comunicação, nas interacções verbais ou não verbais e na relação entre os factos argumentativos e os factos discursivos.

TEXTO — discurso argumentativo (vídeo)

1 { Eu quero chamar a atenção das mulheres que me ouvem | | para uma [injustiça] |
que as atinge | |

2 { Elas são a maioria do eleitorado | | [Contudo] | | estão vergonhosamente
[subalternizadas] | | nomeadamente no Parlamento onde a sua representação
é [mais] | | do que mesquinha | |

3 { A eleição | | para a presidência da República | de uma [mulher] | | de uma
[mulher] | | excepcionalmente dotada para exercer [esse] cargo | | [é] | | a
reparação [dessa] injustiça | |

4 { E eu pergunto: | | que mulher negará o seu [voto] | | a uma eleição que vem
dignificar o seu [sexo] ? | |

5 { Mas | não bastaria a M.L.P. ser mulher para atrair o nosso voto. | | Ela diz-
-nos [algo] de novo | | um discurso que refresca os nossos ouvidos | saturados
 | | da velha [lenga-lenga] política | dos barões de democracia. | |

6 { Ora | a democracia não tem [patrões] | | . Ela é [tanto] mais verdadeira |
quanto maior for a [participação] dos cidadãos. | | E a proposta de M.L.P. |
 [é] | | precisamente [isso mesmo] . | | [É] uma nação a falar | | [é] | |
uma cultura que se exprime. | |

7 { Isto é muito [importante] . | | no momento em que entramos | em que
Portugal entra na C.E.E. | | é preciso [mais] do que nunca | defender a nossa
personalidade cultural [preservar] a [identidade] [nacional] | | uma razão
[histórica] e [cultural] do [passado] e do [futuro] | que está acima dos
partidos | de esquerdas e de direitas . | |

8 { M.L.P. | [é] | | pelo cunho cultural da sua [candidatura] | | a [candidata]
 { cultural dessa grande razão [nacional] . | |

Transcrição do discurso proferido por N. Correia no tempo de Antena da TV (1986)

Ritmo mais acelerado _____
 menos acelerado — — —

Entoção mais incidente []

Pausas mais longas | |
 breves |

A prosódia: 1 — AS PAUSAS

São interrupções do continuum sonoro, são silêncios na cadeia falada que asseguram a segmentação do discurso.

As pausas breves, geralmente, marcam um tempo de respiração. As pausas longas podem entrar na organização do discurso; indicam a ordem narrativa e os níveis de comunicação.

Demarcam a apresentação do desenrolar e este da conclusão.

A introdução de uma novidade é marcada por uma pausa demarcativa e uma aceleração sensível.

Cada elemento da frase, embora demarcado, relaciona-se entre si.

A clareza, na exposição, apresenta elementos separadores que, na realidade, estão ligados. Ex.: «| é |» que aparece várias vezes no texto demarcado na frase.

Além das pausas longas que terminam os períodos ou parágrafos do texto, podemos localizar outras de igual duração em:

«contudo»; «a eleição...»; «de uma mulher»; «E eu pergunto»; «voto»; «sexo?»; «de novo»; «é (precisamente)...»; «É (uma nação...)»; «é (uma cultura)»; «C.E.E.»; «nacional»; «(M.L.P.) é»; «candidatura»; «... a democracia não tem padrões»; «... tanto mais verdadeira»; «E a proposta de M.L.P. é...»; «... isso mesmo»; «É uma nação a falar é...»; «exprime»; «Isto é muito importante»; «mais do que nunca...»; «preservar a identidade nacional»; «de esquerdas e de direitas»; «é»; «da sua candidatura»; «a candidata dessa grande razão nacional».

Todas estas pausas apelam a um tempo de escuta e reflexão por parte dos destinatários, em momentos importantes da argumentação.

São intervalos, momentos de silêncio que também estabelecem a comunicação com os telespectadores não presentes.

Fazem parte da estratégia discursiva. Interrompido o «continuum» sonoro, a atenção do destinatário é solicitada para escutar o que se segue.

2 — O RITMO

As variações de ritmo correspondem a momentos diferentes da argumentação.

É mais rápido nas sequências em que o locutor expõe argumentos menos convincentes e mais lento quando propõe os seus próprios argumentos. Há uma aceleração na apresentação de elementos que modificam situações.

São estas variações de ritmo que constituem também a estrutura interna do discurso.

O ritmo acelera nos factos apresentados, a partir dos quais se faz a argumentação, para diminuir nas palavras ou segmentos narrativos mais importantes no discurso argumentativo:

«Eu quero chamar a atenção ... ouvem» — ritmo acelerado que diminui em «... para uma injustiça ...»

«Eles são a maioria do eleitorado» — aceleração que descrece depois em «contudo ... subalternizadas ...»

Os determinantes estabelecem pontos de contacto no decorrer do discurso. A sua distribuição relaciona-se com as diferenças de ritmo.

Retomam os segmentos narrativos mais importantes no discurso: em 3. o segmento «... a reparação dessa injustiça» aponta para «a eleição» e retoma «... uma injustiça» referida em 1.

A repetição dos determinantes contribui para a coesão rítmica e fónica do texto: «a sua representação», «a sua candidatura», «o seu voto», «o seu sexo»; «dessa injustiça», «dessa grande razão ...», «esse cargo».

Os artigos definidos ligam-se, geralmente, a ideias gerais não muito controversas.

Mas, na parte final do discurso, o artigo a em «a sua candidatura», «a candidata», liga-se a palavras de valor e polémicas. O ritmo diminui e, com a entoação e o gesto, põe em destaque o nome para o valorizar.

As séries de definidos são cortadas por indefinidos em alternância. A repetição intencional destes últimos confere ênfase a determinados elementos importantes na argumentação e denunciam a emoção e o interesse do locutor:

«A eleição para a Presidência da República de uma mulher, de uma mulher...»;
«... que mulher negará o seu voto a uma eleição que vem dignificar o seu sexo?»;

«... um discurso que refresca os nossos ouvidos...»;

«É uma nação a falar, é uma cultura»;

«... é preciso... defender a nossa personalidade»;

«... uma razão histórica...».

3 — A ENTOAÇÃO

É constituída por variações melódicas da voz que nos informam sobre o locutor e marcam as palavras ou segmentos verbais com uma intensidade que pode reforçar o sentido do texto. A entoação desperta assim a atenção dos destinatários para determinados elementos prosódicos pronunciados com maior ênfase.

Revelam diferentes modulações de voz que podem ou não estar relacionadas com a organização do texto e nos dão pistas sobre o estado afectivo do locutor.

No texto, a entoação varia conforme a implicação do locutor, conforme o tipo de argumentos e de estratégias utilizadas:

- «E eu pergunto» — o desafio, a autoridade;
- «... que mulher negará o seu voto» — a indignação frente a uma hipótese não admitida;
- «... a democracia não tem padrões ...» — a ironia do tom reticente;
- «... a velha lenga-lenga ...» — a crítica mordaz;
- «Isto é muito importante.» — a advertência, a afirmação que faz apelo ao destinatário.

Uma ênfase mais incidente nas palavras-chave, de maior valor na argumentação, ou de outras directamente ligadas a elas, como os demonstrativos e o advérbio intensificador «mais»:

«injustiça», «contudo», «subalternizadas», «mais (do que mesquinha)», «uma mulher excepcionalmente dotada...», «esse (cargo)», a repetição do verbo nas assertivas «é», «dessa (injustiça)», «voto», «sexo», «algo», «padrões», «tanto (mais)...», «participação», «isso mesmo», «importante», «mais (do que nunca)», «preservar», «identidade nacional», «histórica e cultural», «passado e futuro», «candidatura», «M.L.P.», «candidata», «nacional».

A parte final do discurso é fortemente acentuada. São as últimas palavras que ficam no ouvido dos destinatários e que neles demoram pela força do acto perlocutório.

Os pronomes pessoais, os demonstrativos, os verbos no presente, os deícticos (não presentes no texto) e os nomes próprios são «embraiadores» do discurso oral e tomam sentido no momento da enunciação.

Também as frases não ligadas, segmentadas como «... entramos, em que Portugal entrou na C.E.E....»

As assertivas e interrogativas — «... que mulher negará o seu voto... o seu sexo?» os termos introdutórios como «ora» (ora a democracia não tem padrões) organizam a sintaxe do texto.

A MIMOGESTUALIDADE

Os gestos fazem parte de regras, de rituais da sociedade e marcam a individualidade de cada falante. Se observarmos uma reunião de pessoas é fácil descobrir algumas atitudes que se ligam ao acto de intervenção na tomada ou não da palavra em público. A gestualidade concentra-se nos braços e nas mãos. Nos debates políticos na

T.V., há gestos que se denunciam enquanto o «inimigo» fala. Há um certo mal-estar do locutor momentaneamente em silêncio. Parece não encontrar posição adequada.

O gesto, o movimento do corpo, a entoação e o ritmo revelam-se no discurso na ênfase de determinados segmentos discursivos ou em palavras-chave.

O gesto é quase sempre necessário ao discurso oral, mesmo quando o interlocutor não está presente e não pode ver o emissor. É o caso da conversa ao telefone. Há indivíduos que se levantam quando falam com os superiores hierárquicos. Outros agarram fortemente o auscultador quando a conversa é mais emocional.

O gesto desempenha um papel regulador do discurso, de acordo com as situações de comunicação e o grau de implicação do locutor.

É também interessante observar a gestualidade de indivíduos de classes sociais diferentes. As mulheres do povo parecem ser as que possuem uma gestualidade mais desinibida e até espectacular (vídeo — comparação de gestos). Também o tipo de pedagogia pode revelar-se na gestualidade do professor — manifestação de autoridade, de afecto...

Comunicamos, sem a maior parte das vezes termos consciência dos gestos que nos escapam.

Os modelos de gestos que acompanham o discurso verbal são quase sempre organizados em unidades que seguem a «découpage» do discurso.

Apesar do pouco domínio do locutor nas comunicações não verbais, há gestos que são escolhidos para atrair a atenção ou para sublinhar uma ideia.

Segundo EKMAN, os gestos podem classificar-se em cinco categorias:

- 1 — gestos emblemas — actos não verbais cuja leitura depende das situações de comunicação. Ex.: o braço levantado do atleta para celebrar a vitória.
- 2 — os ilustrativos — acompanham o discurso verbal e ligam-se ao conteúdo da palavra, tal como os deícticos que indicam os referentes.
São utilizados conscientemente.
- 3 — os que revelam manifestações de afecto — mímicas que podem reflectir sentimentos de desgosto, alegria, medo...
Fornecem maior informação sobre o locutor do que sobre as outras pessoas.
Não são deliberados e podem mesmo não ter relação com o que se diz.
- 4 — os reguladores — não são pontuais como os ilustrativos. Intervêm na conversa para desempenhar um papel interactivo. Ex.: o abanar da cabeça.
- 5 — os adaptadores — são extra-comunicativos, centrados no locutor. Ex.: cruzar as pernas, elevar o busto, pigarrear antes de tomar a palavra.
«Um dos resultados do estudo do homem simultaneamente a partir da óptica da biologia e da etnologia é o de permitir mostrar o carácter inseparável da actividade motriz (de que a mãe é o agente mais perfeito) e da actividade verbal.» (Gourhan, A. L. «O gesto e palavra», p. 221).

Os rituais são gestos e símbolos que constituem uma linguagem.

A MIMOGESTUALIDADE — RELAÇÃO COM A PROSÓDIA

- Em 1 — «eu quero» — movimento de lado da cabeça a marcar a tomada da palavra no começo do discurso e a sublinhar a frase.
«injustiça» — subida de tom, diminuição do ritmo e dedo apontado.
O mesmo gesto em «atinge». Uma pausa.
- Em 2 — «Eles» — diminuição do ritmo.
«eleitorado» — cabeça para a frente.
«contudo» — pausa longa, entoação acentuada, movimento para a frente.
«vergonhosamente» — mão erguida.
«subalternizada» — ritmo decrescente, entoação sincopada acompanhada do gesto, em redundância.
«nomeadamente no Parlamento» — mão à frente, cabeça erguida.
«representação» — movimento de mão.
«mais do que mesquinho» — diminuição do ritmo, movimento da mão e busto erguido, em contradição com o sentido da frase, mas que faz apelo aos destinatários.
- Em 3 — «A eleição» — movimento da mão.
«para a Presidência da República de uma mulher» — diminuição do ritmo, movimento da mão à frente, entoação mais expressiva em mulher e repetida na mesma palavra com pausas intencionais.
«mulher excepcionalmente dotada para exercer esse cargo» — movimentos de mão e braço. Ênfase da entoação em «esse», ritmo mais lento em «dotada».
- Em 4 — «E eu pergunto» — busto e braço erguidos — afirmação da autoridade do locutor.
«mulher» — mão fechada.
«voto» — mão junto à anca — pausa longa e decréscimo de ritmo.
«eleição» — movimento da mão.
«que vem dignificar o seu sexo?» — movimento do corpo, balanceado, acompanhado pela mão, e busto erguido no segmento final «o seu sexo?». Subida da entoação na interrogativa que começa após a pergunta. Descida da aceleração do ritmo.
- Em 5 — «Mas» — movimento de mão — retomada do discurso.
«não bastaria» — o corpo avança.
«ser mulher» — mão.
«para atrair o nosso voto» — caminha um pouco em frente.
«Ela diz-nos algo de novo» — inclinação do busto (como em confidência) — ritmo mais alongado que se prolonga até «lenga-lenga», a mão sobe em «algo» com elevação de tom. Pausa longa em «novo».
«um discurso que refresca os nossos ouvidos» — «discurso» — mão fechada.
«refresca» — dedos erguidos, busto inclinado para a frente, «os nossos ouvidos» — mão que volve junto aos ouvidos, como os deícticos.
«saturados de velha lenga-lenga dos barões da democracia» — pausa e movimento de mão em «saturados», gesto sincopado, redundante em «lenga-lenga».
«barões da democracia» — movimento dos braços.

- Em 6 — «a democracia não tem padrões» — diminuição do ritmo. As mãos rodam à volta da cabeça que se inclina para a frente.
Olhos que dirigem o olhar aos receptores. Entoação intencional em «padrões».
«tanto mais verdadeira» — ritmo mais lento e movimento da mão e dos dedos que se repete em, «maior» e «participação» — entoação mais forte.
«cidadãos» — movimento de braços.
No período seguinte, o ritmo decresce, apenas em «precisamente», e é mais rápido para estabelecer a ligação do verbo em «isso mesmo».
Dedo apontado em «é» e «isso mesmo» — com ênfase na entoação e pausas longas. O mesmo sucede na repetição do verbo no período seguinte.
«nação a falar» — rodam os braços abertos, assim com em «cultura».
Movimento de mão em «exprime».
- Em 7 — «Isto é muito importante — dedo apontado e ênfase da entoação.
Movimento do dedo em «Portugal entra», e «C.E.E.» (aqui, com pausa longa).
«é preciso mais do que nunca» — ritmo mais lento e movimento vertical do braço. Tom de voz mais acentuado em «mais».
«preservar a identidade nacional» — ritmo menos acelerado, entoação que destaca as sílabas. Acompanhada por movimentos de mão com os dedos erguidos; pausa longa em «nacional».
Movimento do busto para trás em «uma razão histórica e cultural» com movimento de mão — a força dos argumentos convincentes.
«do passado e do futuro» — braço para a direita e para a esquerda, ênfase na entoação.
«partidos» — mão à frente.
«de esquerdas e de direitas» — mão para a frente, ritmo lento.
- Em 8 — «M.L.P.» — movimento de mão, pausa.
«é» — pausa longa, tom de voz mais forte.
«da sua candidatura» — ergue-se o dedo que continua a apontar em «a candidata» — Pausa longa.
Movimento para a frente em «grande razão nacional». Ênfase na entoação em «candidatura», «candidata» e «nacional». Predomínio da diminuição do ritmo em todo o período final.

Se compararmos a gestualidade da locutora com outras personagens visíveis neste programa, «em vídeo», poderemos avaliar melhor como o gesto varia de acordo com a situação de comunicação, a cultura e personalidade dos emissores. Ver: testemunho da mulher do povo e Vitorino de Almeida.

Da análise não muito rigorosa que fizemos do texto, em «vídeo», poderemos concluir, na generalidade, que a subida de tom, ou outros traços de entoação, o prolongamento de determinadas pausas, a menor acaleração do ritmo no «continuum» do discurso e a mimogestualidade parecem coincidir com a argumentação.

Um estudo mais profundo e com outros elementos de apoio abriria, com certeza, outras pistas de interesse para a observação do texto oral.

A comunicação não verbal liga-se a fenómenos afectivos e culturais. É objecto da investigação das Ciências da Comunicação, da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia.

Interessa-nos descobrir que interesses e pensamentos levam os falantes a seleccionar os seus meios de expressão.

No mundo actual da comunicação de massas, em que a tecnologia produz profundas modificações na troca oral, é de interesse pedagógico seguir as investigações neste campo, para uma recuperação da tradição oral, para uma humanização da comunicação.

Como a linguagem oral é um meio fundamental de comunicação, convém que seja avaliada no contexto das novas técnicas — Rádio, T.V., Cinema.

A rápida evolução das técnicas modernas suscita uma cultura sensorial transmitida pela linguagem visual e sonora dos meios de comunicação de massas.

Cabe à Escola restabelecer o equilíbrio, na interacção e complementaridade das várias linguagens.

A criança e o jovem servir-se-ão delas na sua totalidade, seleccionando cada uma delas, de acordo com as motivações, os interesses e os momentos da comunicação.

LEITURAS DE:

AUSTIN, J. L. — «Quand dire c'est faire», Seuil (1962-70).

DUCROT, O. — «Les mots du discours», Ed. de Minuit (1980).

EKMAN, P. F. V. W. — «The repertoire of non verbal communication» in *Semiotica* (1969).

MOESCHLER, J. — «Argumentation et conversation». Hatier-Credif (1985).

VANOYE, F., MOUCHON, J.; SARRAC, J. P. — «Pratiques de l'oral». Armand Colin (1981).